

O desafio da pecuária no semiárido e a decisão de Alexandre.

A Manelito Dantas Vilar¹, de Taperoá-PB.

In memoriam.

Desde 2006 moro no Norte de Minas, em São Francisco, lutando contra a seca, tentando viabilizar uma propriedade rural na qual cuidamos de um pequeno rebanho bubalino. É imensa a dificuldade de viabilizar alimentação para o gado na época seca, que ocorre durante seis meses contínuos a cada ano. O lucro conseguido na época das chuvas tem sido consumido pela aridez do solo. Aqui, o produtor dá um passo à frente na época chuvosa e perde o que ganhou nos seis meses sem chuva. Este ciclo tem se repetido indefinidamente, entra ano sai ano. Insistir ou desistir? Na época chuvosa todos plantam capim tentando repor a pastagem torrada pelo sol no ano anterior. Eu, por resiliência ou teimosia, estou neste barco sempre acreditando que o desenvolvimento da tecnologia de produção de forragens ainda nos trará uma solução².

Afinal, como vencer o rigor climático que drena nossos poucos recursos, nossa força, nossa paciência e a vida de todos? É certo que não somos capazes de mudar o clima, esta seca poderosa que nos mata um pouquinho a cada dia. Proponho ao leitor uma breve reflexão sobre o tema.

Meu professor³ de história, lá atrás, quando eu iniciava meu curso ginásial, dizia que a história é a mestra da vida. Assim, busquei no passado um episódio de inegável dificuldade que, talvez, possa nos trazer alguma luz.

Em 30 de outubro do ano 331 a.C., um dia antes da batalha de Gaugamela⁴, Alexandre e Dario III se encontravam acampados frente a frente nessa planície perto de Erbil, no

¹ Engenheiro Civil que abandonou a profissão para assumir a fazenda Carnaúba após a morte do pai. Venceu a seca no vale do Cariri e, hoje, é referência internacional.

² Visite no YOU TUBE o site de Raimundo Reis que mostra um leque de opções para produção de forragem no semiárido: gliricídia, leucena, moringa, mandioca, pornunça, palma e outras. São inúmeros vídeos! Acrescento a cratília, arbusto do cerrado, às opções estudadas por Dr. Raimundo.

³ Prof. Geraldo Simões de Miranda, do Colégio D. Silvério, de Sete Lagoas-MG, meu professor de história, a quem rendo homenagem.

⁴ Gaugamela é uma planície no Kurdistão, entre Erbil e Mosul (cidade adjacente à antiga Nínive). Esse local foi escolhido por Dario para facilitar o uso da cavalaria e de seus 200 carros de combate. Inclusive preparou o local retirando pedras e removendo obstáculos. Enviou Mazeus e sua cavalaria para atrair Alexandre ao local escolhido para batalha. Os carros de combate equipados com lâminas nas rodas eram uma novidade com a qual esperava surpreender Alexandre. Mas, essa arma não

Norte do Iraque. Era impossível vencer aquele exército tão desproporcional, 240 mil combatentes contra 40 mil guerreiros, 6 para 1, naquela planície escolhida e cuidadosamente preparada pelo rei persa. Dario, muito excitado, esperava surpreender com uma impensável arma: 200 carros de combate com navalhas cortantes nas rodas. Os generais macedônios eram unânimes: impossível vencer!

-Vamos embora, Alexandre! Vamos fugir!... clamavam desesperados. Mas, o grande líder macedônio não se dava por vencido. Parmênio⁵, o decano dos comandantes, argumentava dizendo que Felipe II, pai de Alexandre, sempre ouvia seus generais.

Alto e bom som, Alexandre perguntou a seus comandantes: “que devemos fazer?” E alguém respondeu: “o impossível”! Alexandre confirmou: “gente, temos que fazer o impossível”. E “o que é impossível?” Lá de trás, alguém respondeu: “matar o rei”. A partir deste momento foi traçado um plano para matar Dario III. Esta incumbência foi passada a um general com cinco mil homens. Ao invés de simplesmente enfrentar a linha pérsia, o esforço foi concentrado em violentíssimo ataque à divisão posicionada na frente do rei. O avanço macedônio entrou em cunha nas fileiras persas e conseguiu abrir uma brecha exatamente na posição do rei, que fugiu apavorado logo no início do combate. A fuga de Dario desmotivou e desorganizou as fileiras persas que também fugiram da luta.

E, contra as previsões de todos seus generais, Alexandre venceu Dario III, rei da Pérsia, exatamente há 2355 anos na memorável batalha de Gaugamela. Aos 25 anos, com um pequeno exército, o jovem ex-aluno de Aristóteles venceu o inimigo seis vezes mais numeroso e conquistou 4/5 do mundo então conhecido, tendo perdido apenas 3500 homens. Essa vitória até hoje causa impacto e admiração. A meu ver, nenhuma outra conquista bélica foi tão arriscada, tão rápida, tão simples e tão valiosa. Três séculos

produziu o efeito desejado, batendo de frente contra as falanges macedônias. A falange, sim, era uma barreira intransponível, uma arma desenvolvida e testada pelo pai de Alexandre, Felipe II.

⁵ Britannica, comandantes de Alexandre: Parmênio, Alcetas, Antígono, Antápatro, Arrideu, Carés de Metilene, Cassandro, Clito, Crátero, Demerato, Erígio, Eumenes, Filotas, Heféstio, Leonato, Lisímaco, Pérdisas, Ptolomeu, Poliperconte, Ptolemeu (filho de Seleuco), Ptolemeu Sóter e Seleuco. Com a morte de Alexandre, aos 33 anos, o império foi partido entre cinco generais: Seleuco assumiu o trono persa que compreendia, a grosso modo, o Iraque, o Irã, até o Afeganistão; Cassandro assumiu a Macedônia, que incluía a Grécia; Ptolomeu assumiu o Egito como faraó, em Alexandria (Cleópatra é filha de Ptolomeu XII); Lisímaco assumiu da Macedônia ao mar Negro; Antígono assumiu a Síria incluindo a Arabia Saudita e a Jordânia. Naquela época, não existia na Macedônia a palavra general.

mais tarde, o grande poeta latino, Virgílio⁶ (30 a.C.), escreveu: “A sorte favorece os destemidos.”

Eu tenho usado esta epopéia para encorajamento nos meus processos de decisão ao longo de minha carreira. O feito de Alexandre, o gênio, nos serve de diretriz para nossas decisões cotidianas. Há trinta anos sou pecuarista na região semiárida do Norte de Minas. Lutando, sofrendo com o desastre da seca que ocorre a cada ano. Anualmente, o sol mata nossos pastos empobrecendo o nosso campo. A estação seca se repete a cada ano, dizimando o rebanho sobrevivente do ano anterior.

Frente a frente com a dificuldade intransponível, sem possibilidade de retorno, repetimos, como Alexandre:

- E agora, resistir ou desistir?
- Que fazer?
- Como?
- Afinal, qual nosso objetivo?

Temos tentado todas as gramíneas africanas. A cada ano apostamos em um novo capim recomendado pela pesquisa: apareceram as diferentes variedades de brachiária: braquiarião, *brizantha*, *decumbens*, *ruzisiensis* e *humidícola*; o capim camerun, o andropogon; o tanzânia, o mombaça, o massai; ultimamente, o kurumi, o *miyagi*⁷ e o capim-açu. A cada ano somos iludidos com o aparecimento de uma nova gramínea. Mas, nenhuma tem sobrevivido ao semiárido.

O sol é maior, a seca mais seca, afinal, como vencer a dificuldade climática? Ao longo do século XX, assistimos a criação da SUDENE⁸, da CODEVASF⁹ e do DNOCS¹⁰ para minorar o estrago da seca no Nordeste. Produziram burocracia, política e gordos funcionários públicos nos últimos 50 anos. Mas, o sol continua a dizimar a pastagem e os rebanhos. A luta tem sido desproporcional. Não temos conseguido as gramíneas

⁶ Britannica: Virgilio (30 a.C.), poeta romano, autor da Eneida.

⁷ O capim *miyagi* é uma espécie melhorada de braquiária cespitosa, de ciclo perene, uma boa opção para a produção de forragem para bovinos; com alto teor protéico, de 8 a 14% da matéria seca, produtividade de 25 a 30 ton.ha/ano em matéria seca, mas, adaptado a índice pluviométrico de 950mm/ano, ou seja, inadequado ao semiárido.

⁸ SUDENE, Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste, autarquia criada em 1959.

⁹ CODEVASF, Cia. de Desenvolvimento do Vale do São Francisco, criada em 1974.

¹⁰ DNOS, Departamento Nacional de Obras contra as Secas, autarquia criada em 1909.

adequadas. Todos os nossos programas governamentais têm sido direcionados para a irrigação, que necessita de água e energia elétrica. Mas, no sertão não temos uma coisa nem outra. E nosso desenvolvimento ficou estacionado e restrito aos circuitos irrigados de Petrolina, Janaúba e outros menores nas margens dos rios existentes. Esta solução exige água, que é exatamente o que falta.

Nosso objetivo não é vencer a falta de chuva que dura 6 meses em cada ano, matando nossas pastagens e dizimando nosso rebanho. Assim como Alexandre não tinha como enfrentar aquela batalha tão desproporcional, não temos como vencer a cada ano o fenômeno climático que aflige 982 mil km² do solo brasileiro.

- Que fazer?

Alexandre descobriu o ponto vulnerável nas tropas inimigas e concentrou o ataque neste ponto, abrindo uma brecha estreita em forma de cunha exatamente na posição do rei persa. Ante a mortal ameaça Dario disparou em fuga atabalhoada, deixando seus homens sem comando, sem moral e sem entusiasmo. Fugiu quem pôde. Poucos lutaram e esses poucos morreram. Dario fugiu para o Norte da Pérsia tendo sido assassinado por Bessus, sátrapa¹¹ da Babilônia, seu poderoso colaborador. Alexandre nem venceu o exército persa, nem matou Dario III. Mas, atingiu seu objetivo, ao conquistar 4/5 do mundo então conhecido.

Desta forma, inspirados no grande exemplo histórico, identificamos o ponto fraco deste clima mortal: mesmo com chuva escassa, algumas espécies vegetais, que não são as maravilhosas gramíneas recomendadas, podem servir de alimento ao nosso gado em dietas de boa qualidade protéica e energética a custo aceitável. E em volumes adequados à necessidade nutricional dos rebanhos. Este fato representa uma enorme possibilidade de criação de riqueza e de redenção de quem vive no semiárido brasileiro. Não podemos copiar as soluções do Sul, do Sudeste e do Centroeste como temos feito nos últimos 50 anos nem esperar que as autarquias governamentais criadas ao longo do século XX possam realizar o milagre do desenvolvimento.

-Como fazer?

Há uns dois anos, pela Internet, descobri a fazenda Carnaúba, no sertão do Cariri, em Taperoá, no agreste da Paraíba, usando uma tecnologia muito especial, conseguindo inacreditável sucesso sem usar irrigação produzindo carne, leite e derivados. A Embrapa que teve tanto sucesso no Centroeste nos últimos 40 anos somente agora acordou para a solução tecnológica usada naquele sertão pelo saudoso Manelito Dantas Vilar, que por falta de água, nunca usou a irrigação. Vejamos o caminho percorrido pela Carnaúba, em Taperoá.

¹¹ O império persa era dividido em satrápias, ou estados.

O rigor climático exibido no sertão do Cariri apresenta os seguintes dados¹²: média pluviométrica anual: 599mm de chuva, observados desde 1910. Esta precipitação ocorre em 42 dias por ano. Porém se descontarmos os dias com chuva abaixo de 10mm, observamos que o período chuvoso se reduz a 24 dias. As raças bovinas adotadas não são europeias, mas, indianas: o guzerá, na Carnaúba há 90 anos, e o sindi há quatro décadas produzindo carne e leite. A alimentação bovina foi resolvida com o uso da palma, uma cactácea natural do deserto mexicano, consorciada com o *buffel aridus*, uma gramínea que resiste ao rigor climático, embora desaconselhada para nossas regiões chuvosas.

A solução

Alexandre não matou Dario, nem venceu o exército persa, que era impossível de ser vencido. Mas, conquistou 4/5 do mundo então conhecido em menos de quatro horas de luta, tendo perdido menos de dez por cento de seus comandados. Também não vamos mudar o clima no qual estamos inseridos. Apenas usar a tática adequada.

Demorou, mas não foi difícil encontrar a solução: a palma um cactáceo importado há mais de um século do deserto do México, apresenta altíssima produção¹³ no semiárido e é muito apreciado pelos ruminantes. A Carnaúba usa apenas o *buffel aridus*, a palma e raças adequadas: guzerá¹⁴ há 90 anos e sindi há 40. Rebanho maravilhoso! Em nada se parece com a secura do Nordeste brasileiro.

Retornando à Internet, descobrimos Raimundo Reis, zootecnista do Ceará, recomendando a utilização da rama da mandioca, em silagem, com alto teor protéico, entre 12 e 14%. Lembramos que a solução largamente usada no Centroeste é silagem do milho e do sorgo, com nível proteico de apenas 6%. Com uma diferença: a mandioca, ou macaxeira, ou aipim, resiste muito bem ao clima do semiárido brasileiro. Pronto: está aí o cardápio para nossos ruminantes, com energia e proteína abundantes. A rama da mandioca é tóxica, mas, a sua silagem, não. Mas, também existe a não tóxica, que é uma

¹² Informação de Manelito Dantas Vilar, em vídeo, na Internet. Primo em primeiro grau de Ariano Suassuna, compadre, sócio e amigo; Ariano, da Academia Brasileira de Letras, teatrólogo, filósofo, vencedor do Prêmio Machado de Assis, autor de “O Auto da Compadecida”, “O Santo e a Porca”, “Romance da Pedra do Reino” entre outros.

¹³ As plantações de palma têm produções de 250 ton.ha/ano a 620 ton/ha.ano. Nenhuma gramínea atinge estes números.

¹⁴ Os arqueólogos desenterraram moedas de ouro cunhadas em 2900 a.C., em Mohenjo-daro, na Índia. Acreditamos seja a mais antiga moeda do mundo: estampada na mesma a efígie de um boi guzerá. Uma raça do semi-árido indiano, com cinco milênios de adaptação climática. A outra raça usada na Carnaúba é o sindi, do Paquistão. E, em um plano menor, também usam o curraleiro uma raça brasileira que sobreviveu ao Nordeste.

planta perene, conhecida como pornunça¹⁵, uma variedade de mandioca mansa, nordestina, natural do semiárido. Sua rama pode ser cortada três vezes por ano e servida *in natura* ou em forma de silagem.

A grande vantagem da mandioca é a sua enorme aceitação pela população do semiárido que é habituada à farinha e ao polvilho, ou goma, na sua culinária de cada dia. A mandioca mansa é milenarmente usada por nossos indígenas para fazer o beiju. Além disso, temos a pornunça, nativa e perene. Pode ser cortada por anos sucessivos, dispensando a necessidade do replantio como o milho e o sorgo.

A solução para pecuária no semiárido brasileiro não está nos prédios suntuosos da SUDENE, do DNOCS, da CODEVASF, nem está em Brasília, com seus inúmeros funcionários obesos, regiamente pagos. Também não está na irrigação que demanda água e energia, exatamente o que é raro no sertão. Mas, no próprio semiárido, em plantas muito simples e conhecidas: a pornunça, que se revela um superalimento proteico e energético, sertanejo e adaptado como o habitante local. A palma um cactáceo mexicano, o *buffel aridus* e outras plantas que estão sendo descobertas a cada dia pelos pesquisadores. Como vê, não mudamos o clima. Mas, com sucesso já servimos a nossos búfalos a rama da mandioca neste 2024. Estamos plantando a palma com as mudas que conseguimos¹⁶, viabilizando a nossa atividade na mais problemática região brasileira, de Minas ao Piauí, cuja área atinge 982 mil km². Visualizamos um Nordeste mais rico acrescentando ao Brasil uma imensa área produtiva, uma espécie de renascimento e de redenção.

Rendo minha modesta homenagem a Manelito Dantas Vilar, o dono da Carnaúba, meu herói, por ter quebrado o paradigma da alimentação bovina no semiárido brasileiro: raças adequadas e alimentação correta, fruto de enorme criatividade, muita resiliência e trabalho sem fim.

Fidencio Maciel em 08.12.2024.

¹⁵ Enquanto a mandioca tradicional possui raízes em forma de pé-de-galinha, a pornunça possui três raízes verticais, profundas, sendo muito difícil arrancá-las. É planta apícola, perene, podendo atingir 3-4m de altura. Não estamos falando em usar a raiz da mandioca.

¹⁶ Conseguimos nossas primeiras mudas em quintais de amigos e no cemitério de São Francisco.